UMA NOVA VIDA

PRÓLOGO

A porta da ampla cozinha da mansão da família Mansur Terni se abriu liberando passagem para um rapaz sorridente e de boa aparência. Este trazendo na face um olhar de menino travesso, foi logo dizendo a uma mulher de estatura baixa, pele clara, olhos negros, lábios pequenos e rosados e com o peso um pouco acima do permitido para o seu tamanho pequeno.

— Que cheiro bom está saindo dessa cozinha Gordinha. — elogiou o rapaz.

Esta sorrindo ao elogio, levou sua mão sobre a do rapaz dando-lhe uma leve palmada, na intenção de impedi-lo de roubar um pedaço de bolo, que a mulher havia cortado e colocado sobre uma bandeja para servir à mesa.

— Não se atreva!

— Puxa Gordinha! Desse jeito não me caso com você. — brincou o rapaz sorrindo acariciando sua mão como se a palmada tivesse realmente doído.

— Não me diga! — respondeu a mulher incrédula.

— Por que não acredita? Estou pensando seriamente em largar a Raquel só para me casar com você, afinal você sabe cozinhar, enquanto a Raquel nem um ovo sabe fritar. — sorriu.

A mulher iria responder algo ao rapaz sorridente, que todas

as manhãs fazia questão de dar uma passada na cozinha para brincar com ela, Joana era cozinheira da família Mansur Terni há muitos anos. Quando começou a trabalhar para a família, Emanuel tinha apenas cinco anos e o irmão, Eduardo, sete. Ela sempre se deu mais com Emanuel, pois sempre foi um menino alegre e brincalhão, respeitava a todos e fazia amizades com muita facilidade. Eduardo também era um bom rapaz, mas não gostava de se misturar mais que o necessário com as pessoas que trabalhavam na casa, era respeitador, mas mantinha o limite. Antes de a mulher responder a Emanuel, Ester entrou na cozinha chamando a atenção do filho.

— Emanuel, quer deixar a Joana fazer o trabalho dela? Seu pai tem pressa para ir à empresa.

— Viu só Gordinha? Nosso romance nunca vai vencer diante a tantos olhares invejosos.

Dito isto ele caminhou na direção da porta como quem iria sair, mas antes roubou mais um pedaço do bolo sorrindo e mandando um beijinho à Gordinha que tanto estimava.

— Emanuel!

Ester chamou-lhe a atenção, mas esse já tinha saído às pressas fugindo das broncas da mãe ao seu ato. Ester era uma senhora muito elegante, respeitadora e bondosa. Gostava de todos que trabalhavam em sua casa, mas sempre achou exagerada a maneira que Emanuel os tratava. Muitas das vezes a impressão que se tinha era que ele não era filho dos donos, não se comportava como tal. Por essa sua maneira de ser, Emanuel

era adorado por todos.

Na mesa, toda a família já estava reunida, Eduardo e Emanuel sentados um a frente do outro, não prestavam muita atenção a conversa dos pais, pois o mais novo dos filhos acabou iniciando uma leve guerra com o irmão mais velho, ao jogar sobre ele uma bolinha feita com a massa de um pedaço de pão. Era um tanto estranho que aquelas traquinagens fossem cometidas por um rapaz de vinte e quatro anos, mas assim era Emanuel. Ele jogou primeiro discretamente sobre o irmão, olhando em seguida para os pais para se certificar de que não tinha sido pego. Eduardo era dois anos mais velho, com seus vinte e seis anos sempre tentava fugir das brincadeiras do irmão, mas não era tarefa fácil. Eduardo era sério, alto de cabelos e olhos negros, físico bem definido, trajava sempre ternos e gravatas, até mesmo quando estava em casa trajava-se socialmente. Como ensinara os pais, era respeitador e educado, porém mantinha a vida correndo da forma que tinha que ser, sendo ele o filho do patrão e os demais os funcionários da casa. Fugir das provocações do irmão às vezes lhe parecia impossível, naquela manhã era um desses momentos. Ele então respondeu ao irmão contra atacando em seguida.

— Querem parar com isso! — ordenou Ivan.

— Foi ele quem começou pai! — defendeu-se Eduardo parecendo uma criança.

— Quero ver você provar suas acusações! — respondeu Emanuel sorrindo.

— Meu Deus! Vocês nunca vão crescer?! — exclamou Ivan.

— Mas pai, se o Edu crescer mais que isso vai acabar partindo no meio de tão alto. — caçoou Emanuel, que era um pouco mais baixo que o irmão.

Eduardo não achou graça, mesmo porque não tinha o tamanho tão exagerado assim, como vingança acabou atingindo o irmão com mais uma bolinha de pão.

— Viu como foi ele quem começou? — acusou Emanuel.

Todos sorriram as brincadeiras de Emanuel. Nesse momento entrou uma jovem de cabelos ruivos e olhos castanhos, pele clara, estatura mediana e uma elegância surpreendente. Emanuel ao avistar a jovem, levantou-se ainda mais contente para cumprimentá-la com um suave beijo sobre os lábios.

— Olá, meu amor. Deixe-me adivinhar, não conseguiu dormir essa noite de tanta saudade de mim e por isso veio logo de manhã para me ver. — brincou ele — Quanto amor! — levou as mãos ao coração simbolizando o amor que a jovem deveria estar sentindo naquele momento.

— Não é bem assim meu amor! Marquei com sua mãe, temos muitas coisas para fazer, afinal o casamento está chegando.

— Eu não vejo a hora! — afirmou o rapaz ainda mais feliz. — Você me deixa louco. — disse ele beijando novamente os lábios da mesma.

— Emanuel, por favor! — pediu a jovem se sentindo constrangida.

— Sente-se Raquel. — pediu Ivan. — Quem sabe com sua presença esses dois comecem a agir como adultos.

Raquel sorriu ao comentário de Ivan caminhando em direção a cadeira que se sentaria, em seguida a jovem olhou para Eduardo cumprimentando-o. Ela se sentou à mesa ao lado de Emanuel para tomar café com os outros. Eduardo que a pouco estava à vontade com as traquinagens do irmão, naquele momento tinha dado lugar a maturidade, apesar de iminente sua família nada percebeu. Emanuel era um rapaz que gostava de levar a vida na mais pura alegria, mas quando era hora de trabalhar levava a sério o seu trabalho, dificilmente se deixava levar pelos problemas e dificuldades do trabalho, sempre procurava encontrar uma maneira de descontrair a sua equipe e a si mesmo, era um excelente publicitário.

Seu pai era dono de uma enorme produtora, na qual trabalhava ele e os dois filhos, Eduardo cuidava da parte financeira da empresa, enquanto Emanuel comandava uma equipe de publicitários que trabalhavam de acordo com o que ele exigia na produção dos comerciais de seus clientes, sempre muito criativo, seus comercias eram bem cotados na mídia, fazendo com que a empresa caminhasse a todo o vapor. Sua responsabilidade no trabalho não o fazia ser diferente do que era

em casa, era querido por todos os outros funcionários, quem não o conhecesse jamais diria que ele era um dos herdeiros de tudo aquilo, era um rapaz simples e trajava sempre roupas menos formais, odiava usar ternos sendo obrigado pelo pai a usá-los pelo menos nas reuniões com os clientes. Seus cabelos eram negros e lisos cortados de uma maneira que os deixavam arrepiados, o que proporcionava um *look* jovial e atraente no rapaz, que era alvo de muitos olhares admirados da classe feminina que cruzasse seu caminho, apesar do rapaz só ter olhos para Raquel, a mulher que escolhera para ser sua esposa e dona única de sua vida. Seus olhos também eram escuros, negros como a noite e brilhantes, em seu rosto longos lábios bem definidos e atraentes se faziam presentes, mantinha a barba bem feita e seu sorriso cativante era acolhedor. Seu físico era invejável, por gostar de praticar esportes, principalmente os mais radicais. Possuía uma massa corporal invejável, não era o homem estilo "barriga de tanquinho", mas era sedutor.

Eduardo era mais casual, também possuía os cabelos e os olhos pretos, era mais alto que o irmão e possuía sobre a face um elegante cavanhaque que dava a ele um semblante mais maduro, seu limite com os outros funcionários da empresa era estritamente profissional, agindo sempre com muito respeito e educação para com os mesmos, não apreciava esportes, seu lazer era constituído de boas leituras e música clássica. Ivan não tinha o que reclamar da vida, pois conseguiu fazer de seus filhos homens de bens.

Emanuel estava de casamento marcado com Raquel, união que aconteceria no final do mês. Sempre foi muito apegado a Eduardo, desde criança um sempre protegia o outro, na maioria das vezes Eduardo sempre acabava entrando em uma confusão

ou outra na época do colégio para proteger o irmão, que por ser mais ágil sempre entrava em uma encrenca. Na adolescência sempre andavam juntos, aonde um ia o outro ia também, a única coisa que os diferenciavam era o fato de um gostar e o outro não de esportes, o único esporte que Eduardo praticava era o tênis, este que apreciava jogar com o irmão.

O dia do casamento estava próximo, os dois irmãos se jogaram ao chão após terminarem uma partida de tênis no qual Eduardo dera-se bem ato que chamou sua atenção, pois Emanuel era bom no jogo e para que Eduardo conseguisse vencer tinha que suar muito a camisa, mas naquela noite na quadra da mansão Terni não tinha lhe dado muito trabalho.

— O que foi? Esqueceu como se joga? — quis saber sorrindo.

— Na verdade não, só quis lhe dar uma vantagem. — brincou Emanuel.

— Conta outra! — Edu deu uma leve palmada no ombro do irmão.

Houve um silêncio entre eles que foi quebrado por Eduardo.

— É o casamento? Não está certo se é isso que quer?

— Sei o que quero Edu, não tenho nenhuma dúvida a esse respeito, pois sei que escolhi a mulher certa. — indagou

Emanuel.

Eduardo engoliu a seco as palavras do irmão antes de prosseguir.

— Não acha que é muito precipitado esse seu casamento? — sei lá, mas talvez fosse melhor se darem um tempo a mais...

Emanuel gargalhou a pergunta do irmão respondendo em seguida:

— Precipitado? Eu e a Raquel estamos namorando há quase dois anos, acho que já passou da hora isso sim, depois estou mais que convencido de que encontrei a mulher da minha vida! — afirmou. __A verdade é que penso que você deveria fazer o mesmo Edu?

__Eu?! Perguntou sem entender o contexto do irmão.

__Sim, você! Porque não para de ser tão exigente em relação as mulheres e arrume uma namorada, alguém pra noivar, casar e constituir uma família?

Eduardo coçou a cabeça, não sabia bem o que respondeu ao irmão achou melhor apenas concordar.

__É você tem razão, irei pensar nisso!

Emanuel levantou-se caminhando, Eduardo pensativo

permaneceu onde estava por um momento até ouvi-lo chamar por ele.

— Ei Edu! É melhor irmos, ainda tenho um jantar romântico essa noite! — sorriu Emanuel, que estranhou a frieza tão repentina do irmão, mas não deu atenção, afinal assim era Eduardo mudava de temperamento e de humor rapidamente.

***

Raquel entrou no quarto procurando não fazer ruídos enquanto Emanuel dormia, faltava apenas dois dias para o casamento. Devido à correria ela sempre acabava dormindo na casa dele, o que para Ivan e Ester era aceitável, afinal os tempos eram outros, já não cabiam mais atos conservadores como em seus tempos, onde dormir na casa do namorado era sacrilégio.

Ela foi ao banheiro, caminhou até a enorme pia de mármore dourado, e tensa direcionou seus olhos ao espelho fixando-se à imagem a sua frente, seus pensamentos a confundiam. Perdida às lembranças do que tinha feito, não o viu aproximar-se da entrada do banheiro.

— Está com insônia amor?

— Emanuel! — ela assustou-se ao ouvi-lo.

— Nossa porque o espanto? Acaso estava esperando o Brad Pitt? — sorriu ele.

— Não é isso seu bobo. — defendeu-se ela — Só levantei para vir ao banheiro. — respondeu rapidamente.

— Bom saber que o Brad Pitt não roubou minha noiva. — brincou. — Venha, vamos dormir. — disse ele estendendo a mão para ela, que a segurou acompanhando-o.

Deitaram-se e Emanuel a envolveu em seu corpo em um abraço quente, beijou-lhe suavemente os cabelos e disse:

— Não vejo a hora de tê-la ao meu lado por toda a vida. Te amo Raquel!

A jovem nada respondeu, apenas fechou seus olhos permitindo que suas lembranças vagassem para outro lugar não muito distante dali, não sentia remorso pelo o que tinha feito, tentou de todas as formas não permitir que àquela situação se repetisse, mas foi em vão, simplesmente não conseguia arrancar de dentro de si o que estava sentindo. Não pensou em nenhum momento que era errado e que Emanuel não merecia, e que seus atos se descobertos causariam um alvoroço na família. Tudo em que pensava era no acontecido, e que apesar dos riscos fora prazeroso. Com seus pensamentos em seus últimos atos finalmente adormeceu.

***

— Vamos, meu filho! Já está na hora! — proferiu Ester, que estava trajando um longo vestido azul turquesa bordado com elegância, a mesma mandou confeccionar especialmente

para aquele dia, afinal estava casando seu filho amado.

— Estou pronto mãe, só preciso arrumar esta gravata. — respondeu Emanuel surgindo do banheiro, enquanto tentava finalizar o maldito nó da gravata. — Sinceramente não entendo porque temos que usar esse tipo de coisa.

— Para ficar elegante meu filho. — respondeu Ester arrumando a gravata para o filho. — Um terno deixa um homem muito bonito e elegante, principalmente no dia do seu casamento.

— Pois eu acho que teria ficado elegante a minha moda, com um traje de surfista. — brincou ele.

— Só se fosse para Raquel te matar em seguida. Mas vamos, quem tem que chegar atrasado é a noiva e não o noivo!

— E os outros?

— Já foram. Eduardo acompanhou sua tia com seus primos e seu pai nos aguarda lá embaixo.

Raquel atrasou-se como era de costume de todas as noivas, foi entregue a ele por Ivan, pois ela já não possuía mais os seus pais em vida, Emanuel a achou estranha, mas atribuiu aquele fato ao nervosismo do momento. Caminharam de mãos dadas o pouco caminho que restava até o altar, enquanto o padre se aprontava, Emanuel levou seus olhos na direção dos padrinhos estranhando a ausência do irmão ao lado de sua prima Cecília,

olhou para o pai na esperança que esse entendesse e fosse procurá-lo, mas não foi necessário, pois Eduardo já estava se colocando em seu lugar. O padre chamou a atenção de Emanuel, pois ia dar início à cerimonia. O rapaz se sentia nas nuvens, pois finalmente naquele dia teria como esposa a mulher que amava. Enquanto o padre dava um pequeno sermão de inicialização, Eduardo não conseguia tirar seus olhos de Raquel, que mesmo tentando fugir ao olhar, de vez enquanto o correspondia discretamente. O padre então perguntou:

— Raquel Linhares Montello, você aceita Emanuel Mansur Terni como seu legítimo esposo? Aceita amá-lo, respeitá-lo… Até que a morte os separe? — finalizou o padre.

Nesse momento Eduardo não mais resistindo à pressão saiu da igreja, chamando para si a atenção dos outros. Emanuel com a atenção para ela aguardando pela resposta não notou. Raquel viu quando esse saiu, permaneceu em silêncio por um tempo o que chamou a atenção dos convidados, pois aquela demora ao responder não era normal. O padre voltou a perguntar, mais o silêncio ainda era a resposta dela.

— Responda meu amor. — pediu Emanuel.

Nesse momento Raquel olhou para ele e disse:

— Perdoe-me Emanuel, mas eu não posso!

Dito isso ela largou o buquê, agarrando a barra do vestido e pôs-se a correr para fora da igreja. Emanuel pasmo nada

entendeu, levou uns segundos para voltar a realidade então agarrou o buquê do chão e correu até ela em busca de uma explicação.

Os convidados surpresos acompanharam o noivo, afinal precisavam saciar suas curiosidades. Ivan e Ester chocados, também caminharam para fora da igreja em busca do filho.

Ao sair na porta da igreja com o buquê nas mãos, Emanuel tremeu a cena que viu.

Viu a mulher a quem dedicou todo seu amor jogar-se nos braços do irmão, dizendo que o amava e não podia casar-se com Emanuel. O casal sem se dar conta da presença do rapaz entregaram-se a um beijo ardente.

Todos os convidados viram aquela cena. Ester sentiu o corpo fraquejar sendo amparada por Ivan, que sem rumo tentava entender o que se passava ali.

Nesse momento, Emanuel em estado de choque deixou cair ao chão o buquê desejando despertar do pesadelo que estava vivendo, pois ele tinha esperanças de que todo aquele absurdo era um pesadelo, e que em breve ele acordaria e estaria deitado a sua cama abraçado ao corpo macio e perfumado de Raquel, feliz por terem enfim unidos suas vidas para sempre!

Mas o pesadelo parecia querer durar uma eternidade!

CAPÍTULO 1

Cheguei à igreja por volta das dez e meia, o velório tinha acontecido durante toda a noite. Eu tinha dado uma passada as onze, logo depois do curso para dar um abraço e os meus mais sinceros sentimentos ao Juninho. Eu gostava muito de sua avó, cuidava dela com apreço e muito carinho, porém Dona Esmerada já estava com sua idade bem avançada, e era mais que iminente que seu descanso eterno estava próximo. Apesar de sempre brindarmos os familiares com aquelas famosas frases de autoajuda que em momentos como esses não ajudam em nada, sabemos que é difícil aceitarmos perder alguém. Eu já havia passado por isso há alguns anos, quando perdi meu pai e a verdade é que a dor parece não ter fim.

Sentei-me a uma distância razoável tentando prestar atenção ao restante do discurso que o neto dedicava a Dona Esmeralda, porém minha mente não parava de pensar em mim mesma. Pedia perdão a Dona Esmeralda em pensamentos, mas era inevitável não pensar em como eu havia ficado. Estava desempregada e aquele não era o melhor momento para isso. A situação na minha casa não era das melhores, minha mãe corria atrás da papelada para conseguir enfim se aposentar, porém parecia que longos anos de trabalho não tinham muito valor para acelerar as coisas, meu pai quando faleceu estava desempregado o que não nos permitiu receber uma pensão, se bem que pagaríamos para tê-lo conosco se fosse possível, para complementar a situação, minha irmã enfim havia colocado fim em seu casamento de dois anos. Nunca entendi como todo o amor que ela dizia sentir tinha evaporado tão rápido, porque dois anos é pouco tempo para um divórcio mesmo porque o meu cunhado quase nem ficava em casa. Era caminhoneiro! Acho

que foi o que atraiu minha irmã, pois ela sempre foi sonhadora, e ter a chance de viajar pelo país era como ganhar na loteria para ela. Mas logo nasceu as gêmeas e esse sonho teve que ser substituído pela obrigação de cuidar das crianças, acho que isso fez com que a união se desgastasse, afinal não me parece legal ficar em casa cuidando de tudo, enquanto você nem sequer sabe onde anda seu marido.

Ela voltou para casa com as crianças, o que automaticamente aumentou nossos gastos também, pois a pensão ainda não tinha sido resolvida e minha irmã também estava desempregada. Às vezes a gente não consegue entender como de uma hora para outra uma avalanche de problemas despenca sobre nossas cabeças, parecem que os problemas se unem para nos atacar. Além de ter os problemas que mencionei a pouco, também tinha o meu curso de enfermagem, eu estava cursando o último ano, por ter ganhado uma bolsa de estudo pagando somente a metade e os materiais didáticos que a meu ver, tinha os preços mais salgados que *"bacalhau para semana Santa"*, mas eram necessários. Agora diante ao meu desemprego, não sabia o que fazer. Com tanta coisa em minha cabeça ficava difícil prestar atenção ao velório da senhorinha, que por três anos fez parte da minha rotina. Sentiria falta dela, pois era uma senhora carinhosa, amiga, protetora e divertida. Ás vezes tinha seus dias de trevas, como eu costumava dizer para ela, mas isso faz parte de ser humano, há dias que gostaríamos mesmo é de desaparecer.

Voltei minha total atenção aos fatos que estavam acontecendo na igreja, pois alguns homens se postavam em volta do caixão para segurá-lo e enfim levar a Dona Esmeralda para o lugar de sua última morada. Nossa, sempre achei estranho

dizer isso!

Os homens passaram sobre o corredor da igreja levando a Dona Esmeralda, logo atrás iam se postando as pessoas que tinham ido prestigiá-la nesse último instante, esperei até que boa parte seguisse pelo corredor até que eu também me uni à caminhada.

Tudo tinha acabado! Juninho recebia os últimos pesares das pessoas, aguardei pacientemente até poder me aproximar. Dei um abraço bem forte no mesmo que me parecia bem sereno e calmo, ele desde que assumiu a tarefa de cuidar da avó sempre dedicou à ela muito amor e carinho, tinha a consciência limpa de que tudo tinha feito para que a mesma fosse feliz, talvez por isso estivesse com aquela serenidade e calmaria estampada na face. Após o abraço ele me direcionou um pequeno sorriso e disse:

— O que vai fazer da vida agora?

Tentei deixá-lo calmo, afinal ele tinha acabado de jogar terra em cima de uma pessoa que era como uma mãe para ele, não queria preocupá-lo com meus problemas.

— Não se preocupe Júnior, vou ficar bem!

— Espero que sua remuneração te ajude por um tempo até que encontre outro emprego, mas já sabe se precisar não excite em me procurar.

— Eu sei, farei isso!

Abracei-o novamente e me despedi desejando a ele muito sucesso no seu novo salão. Júnior era dono de um salão de cabeleireiro na parte vip da cidade, as madames adoravam frequentar seu estabelecimento, pois seu trabalho e os das pessoas que trabalhavam para ele eram excelentes. Desse modo ganhava bem o suficiente para me pagar para cuidar de sua avó. Ele era um rapaz moreno, de estatura mediana e delicado, delicado até demais, não escondia sua preferência sexual, isso não me incomodava, pois ele era uma das pessoas mais bondosas que tinha conhecido, depois ele era bem discreto, tinha aquele jeitinho todo diferente, mas mantinha-se neutro e bem comportado.

***

Não sei o que estava havendo naquela cidade, parecia que todas as portas tinham sido fechadas e que ninguém mais arrumaria emprego. Sentada no estofada da pequena sala de minha casa, eu folheava o jornal em busca de algum emprego. O que eu tinha guardado da remuneração que o Júnior havia me pagado daria para resolver as coisas por um tempo, mas não dava para eu incomodar a cabeça, pois o dinheiro ele demora para vir, mas sabemos que quando vem, ele vai tão rápido quanto um *trem bala japonês*.

Minha irmã entrou trazendo algumas coisas que tinha ido comprar para as gêmeas, que aquela hora da manhã ainda dormiam, o que dava a minha mãe um tempinho para tentar organizar a bagunça da casa como ela dizia. Sempre trabalhei desde os meus dezoito anos e não gostava de ficar em casa, não que eu não apreciasse minha família, mas sentia que o trabalho

me ajudava a fugir daquele lugar onde lembranças tão amargas me perturbavam a alma, já era o suficiente acordar nas madrugadas suando frio e apavorada porque sempre voltava ao inferno que vivi na minha vida.

— Está ficando difícil comer nesse país! — esbravejou minha irmã. — Tudo está caríssimo!

— Imagino — atribuí

— O que está fazendo?

Ela amava fazer perguntas estúpidas mesmo sabendo o que estava fazendo, às vezes tinha vontade de responder grosseiramente, mas era minha irmã e juízo era algo que faltava no cérebro dela.

— Estou tentando achar emprego.

— Já está acabando a sua remuneração? — quis saber espantada.

— Não, ainda não, mas não vai durar para sempre né Mikaela?

— Bem, também estou vendo uma vaga para mim no varejão do seu Olavo. Apesar de não suportar aquele homem e suas piadinhas sem graça. Mas ele me disse que pode me contratar e é isso que importa.

Eu gelei diante a suas palavras. Seu Olavo era dono do varejão no final da rua, ele era alto e gordo, além de ter um bigode que me provocava calafrios. Vivia fazendo piadinhas a respeito de querer casar com minha irmã que, aliás, era pelo menos uns vinte anos mais nova que ele, não podia ver minha mãe que dizia: *"Como vai sogrinha?"*, *"O que deseja sogrinha?"*. Mikaela era bonita e adorava vestir-se de forma atraente, não era vulgar, mas ainda assim suas roupas conseguiam arrancar os olhares de cobiças dos homens, o que me arrepiava, pois eu fugia desse tipo de situações, me causava pânico só de imaginar alguém se aproximando de mim, mas para a minha irmã isso era o auge.

— Tome cuidado Mika, não acho uma boa você trabalhar para ele.

— Não esquenta que com aquele bode velho eu sei lidar, e depois preciso do trabalho, já que o infeliz do Jonas desapareceu e até agora nada de pensão.

— Ainda assim…

— Fique tranquila Mery. Vou guardar essas coisas na cozinha.

Tentei argumentar, mas ela nem me deu tempo, marchou cantarolando para cozinha. Eu permaneci imóvel por um tempo imaginando em como a minha irmã era imatura e já tinha duas filhas para cuidar. Eu tinha vinte e dois anos e ela vinte, tinha se unido ao Jonas aos dezoito, idade onde só se faz besteiras na vida. Mamãe e eu achávamos que ela mudaria um pouco depois

do seu fracasso romântico, mais ela parecia que nunca tinha medo de se arriscar. Depois que largou o marido, virava e mexia ficava com alguém. Quando eu questionava que deveria sossegar o "fogo" ela sempre rebatia.

— Sou jovem e bonita apesar de já ser mãe, não vou ficar perdendo tempo, é idade de curtir a vida e você deveria fazer o mesmo!

"Curtir a vida" ela dizia, mas eu nem pensava nisso. Não queria aproximação nenhuma com ninguém, não desejava isso. Bom às vezes eu desejava, tinha vontade de encontrar alguém, com quem pudesse dividir minhas vitórias e minhas perdas, mas eu sabia como era a "classe masculina", sabia o que movia a vida deles a respeito de uma relação com alguém, e isso eu não estaria disposta. Os calafrios tornavam-se muito mais frequentes em meu corpo quando eu pensava nisso, me enfraquecia o corpo e o coração batia acelerado, o medo e o pânico tomavam conta de mim e eu chegava a pensar que ia surtar. Eu sabia que sentimentos assim eram herança da minha tragédia, algo que por mais que eu tentasse esquecer jamais conseguiria.

Mamãe sempre dizia: *"Você tinha que procurar um profissional.”.*

Mas eu não precisava contar a um estranho fatos que me aconteceram que jamais serão esquecidos, pois por mais excelentes profissionais que fossem, as marcas ainda estariam em mim quando terminassem a sessão. Não precisava pagar caro para ouvir alguém dizer: *"Você tem que seguir em frente”, “precisa reagir”, “procure um grupo de apoio"*. Não,

definitivamente não precisava esvaziar meus bolsos para isso.

Eu tinha criado a minha própria maneira de superar, ou ao menos manter adormecido meus traumas. Estava bem assim. Mudei meu jeito de vestir, antes eu me vestia quase como a minha irmã, gostava de saias justas, não tão curtas como as de Mika, mas atraentes, amava blusinhas frente únicas e todo o universo sexy feminino, houve um tempo em que também gostei de chamar a atenção da classe oposta, mas me arrependi muito disso. Depois da tragédia me reservei, optei por saias longas e bem coloridas, camisetas que escondessem o máximo do meu corpo e que também me deixasse mais cheinha, assim minhas curvas não provocariam a luxúria de ninguém, meus cabelos sempre os usava trançados e bem presos, e maquiagem, bom isso eu bani completamente, o máximo que usava era um brilho labial para proteger os lábios de rachaduras. Assim eu me sentia segura para ir e vim de onde eu quisesse.

Três semanas se passaram desde que perdi meu emprego, já não sabia mais onde procurar. Mika com a graça de Deus conseguiu emprego em uma floricultura no centro, o que eu agradeci aos céus, pois assim ela se livraria dos olhares do senhor Olavo, porém o que ela ganhava dava uma porcentagem para a nossa mãe e o restante gastava consigo e suas filhas, o que era correto. Às vezes ela me perguntava se eu precisava de dinheiro emprestado e eu dizia que não, e não era por orgulho, é que eu realmente ainda não precisava, tinha uma pequena verba guardada, mas teria que providenciar outro emprego muito em breve. As contas maiores da casa era eu quem pagava e tinha meu curso de enfermagem, esse eu teria que fazer das *"tripas coração"* para continuar a pagar, pois só tinha aquele resto de ano, depois eu poderia encontrar um trabalho em um hospital ou

em um posto de saúde, o que me proporcionaria uma excelente remuneração. Mas não estava com sorte, não achava nada!

Meu celular tocou às nove da noite, estava na sala sentada vendo tv na companhia das gêmeas que adoravam desenhos. Eu raramente conseguia ver o que queria na tv, pois sempre tinha um na minha frente. Depois que minha irmã foi morar lá em casa, a tv sempre era das gêmeas, mamãe dizia que era a única maneira de fazê-las ficarem quietas e não destruir suas coisas. Olhei o aparelho e me surpreendi, era o Júnior. Não falava com ele desde o enterro de dona Esmeralda:

— Como vai lindinha? — perguntou ele.

Se eu não o conhecesse bem, me incomodaria em ser chamada assim por ele, afinal ele era homem, bom meio homem, ou homem de jeito nenhum, enfim, ele não me transmitia o pavor que os demais homens, eu não o temia como temia a todos os outros homens do mundo.

— Oi Júnior, que prazer falar com você amigo. Eu vou bem, e você?

— Vou levando a vida linda. Escuta, você já arrumou outro emprego? — quis saber ele do outro lado da linha.

— Ainda não! As coisas não vão muito bem nesse país. — atribuí a culpa do meu desemprego ao governo, soava melhor.

— Bem, eu tenho um para você!

Eu levantei-me do sofá caminhando na direção da cozinha para que eu pudesse entendê-lo melhor.

— Sério?

— Está interessada?

— Mas é claro que sim Júnior. — confirmei — De que se trata?

— É quase igual o que você teve aqui comigo, vai cuidar de alguém, dar remédios, enfim essas coisas.

— Me explique melhor. — pedi dando a total atenção ao que ele ia dizendo, sentindo meu coração se encher de alegria, pois se tudo desse certo na entrevista eu teria outro emprego e minha vida estaria novamente estabilizada.

***

Minha entrevista foi marcada para a segunda-feira de manhã, o horário estipulado tinha sido às dez. Cheguei ao endereço passado pelo Júnior exatamente às nove e vinte, era de bom tom chegar bem adiantado a uma entrevista de emprego. Não pude deixar de me surpreender com a imensidão da propriedade à minha frente, senti um leve frio me percorrer as espinhas, respirei fundo e toquei a campainha. Um homem alto de terno preto veio me receber, expliquei o que era necessário, ele abriu o portão sorrindo educadamente e pediu que eu o acompanhasse. Enquanto segui atrás do homem em direção à

casa principal, como ele mesmo havia mencionado ao afirmar que a dona me aguardava, fui reparando ao meu redor.

A propriedade era mesmo imensa, ao meu lado esquerdo pude ver um lindo e amplo jardim repleto de flores bem cuidadas e lindas, reparei também na garagem que estava aberta, essa era separada da casa principal, lembrava muito a um barracão onde se guarda coisas, pude ver ao longe os faróis escondidos na pequena escuridão de seu interior, não deu para ver quantos carros tinham ali dentro, mas não era só um ou dois, isso eu tinha certeza. A minha direita, pude reparar no final de uma piscina que parecia ser grande, ao seu redor, mesas e cadeiras. Nas mesas estavam armados guarda-sóis deixando as sombras bem distribuídas entre as cadeiras. Foi apenas o que eu consegui ver, até o homem abrir a enorme porta branca a minha frente e me dar caminho, educadamente pedindo que eu entrasse. Mas eu tinha certeza de que tinha muito mais coisas na parte de trás da casa, espaços que eu conheceria se conseguisse o emprego.

— A senhorita aguarde aqui, por favor. — disse o homem me indicando um estofado branco de couro, sobre o mesmo havia almofadas da cor dourada que pareciam mais confortáveis que meu simples travesseiro.

— Obrigada!

Agradeci me sentando toda desajeitada no estofado tão elegante, enquanto o homem sumia a minha frente entrando em um corredor a direita. Me permiti continuar a observar, só que dessa vez era o interior daquela casa.

Era de invejar a finura que se vivia essa gente. A sala era decorada em tons claros, combinando com a mobília que ajudava a transmitir ao lugar uma sensação de paz. Imaginava que vivendo em uma casa tão serena o idoso ou a idosa que eu provavelmente iria cuidar seria calmo e tranquilo. O homem estava demorando a voltar e eu, inquieta resolvi me levantar, pode parecer tolice mas não estava à vontade sentada naquele estofado que parecia valer milhões, minha humilde saia de veludo estampada com esquemas geométricos em tons de laranja e preto, acompanhados de uma camisa preta abotoada até o limite que eu podia, não estavam a altura de um estofado como aquele.

Levantei-me e me pus a andar pelo cômodo, parei diante a uma estante muito bonita em tom pastel, distribuída sobre ela havia alguns porta-retratos com pessoas felizes e descontraídas. Com certeza momentos registrados da felicidade da família. Levei meus olhos às fotos dos porta-retratos. Uma onde estava uma senhora de cabelos curtos dourados acompanhada de um homem cuja calvície já tinha se iniciado, mas o que não atrapalhava a elegância do mesmo que na foto dedicara um sorriso bem esbanjador. Concluí que aqueles possivelmente eram os donos de tudo aquilo. Mais ao lado outras fotos que também tinham o casal, porém algumas os dois estavam acompanhados de dois rapazes, um tinha um suave cavanhaque e um sorriso singelo, porém o outro de face limpa exuberava o que parecia ser o seu melhor sorriso. Esse rapaz em todas as fotografias que o avistei sorria satisfeito. Também vivendo uma vida como aquela não tinha por que não sorrir. Fiquei um tempo admirando as fotos, estranhei o fato de não ver no mural daquela família nenhuma foto de idoso. Fui surpreendida por uma moça mulata também muito sorridente, imaginei que sorriso era algo

que se tinha de sobra naquela casa, afinal trabalhando para pessoas tão ricas com certeza aquela jovem ganhava bem o suficiente para se dar ao luxo de sorrir.

— Bom dia, perdão à demora. Estava acabando de ajeitar umas coisas na cozinha. Você é a Merydiene?

Eu estranhei ouvir meu nome ser pronunciado inteiro, pois lá em casa tínhamos simplificado isso para Mery e Mika. Sorri de forma singela à moça.

— Sim, sou eu mesma!

— Vou avisar a Dona Ester que você chegou, aguarde um momento. — dito isso ela caminhou na direção esquerda a mim sumindo em outro corredor.

Pensei que aquele era o melhor momento para voltar a me sentar no estofado, afinal não ia ficar bem a dona da casa me flagrar a bisbilhotar as suas fotos de família. Não demorou em a moça voltar acompanhada da senhora que eu tinha visto nas fotografias. Eu a achei bonita e elegante nas fotos, mas ali diante aos meus olhos não tinha comparação, à mulher era espetacular em elegância, beleza e educação.

— Bom dia Merydiene. Meu nome é Ester Mansur Terni e é um prazer conhecê-la. — dito isso ela estendeu sua mão a mim que meio receosa a recebi aceitando seu cumprimento — Por favor, queira me acompanhar a biblioteca. — pediu ela.

Ela fez sinal na direção do mesmo corredor por onde tinha surgido pondo-se a caminhar de volta ao mesmo, eu rapidamente pus minhas pernas a se mover e acompanhá-la. Ela abriu uma porta dando passagem para que eu entrasse primeiro, uma vez em seu interior fiz minha rápida vistoria com os olhos. Aquela era a biblioteca e algum tipo de escritório da casa, como nos filmes e nas novelas. Sua decoração era mais formal e sua mobília em mogno dava ao lugar um ar bem intelectual. Reparei que ali também havia alguns porta-retratos espalhados pela mesma. Sobre a enorme mesa de mogno onde ficava um computador, um aparelho telefônico e um amontoado de coisas de escritório, um porta-retratos dos dois rapazes abraçados e felizes. Como nas demais, o rapaz de cavanhaque centrado e discreto, e o outro com aquele mesmo sorriso cativante. Ela convidou-me a me sentar, o que eu fiz rapidamente. Fiquei mirando o porta-retratos, enquanto ela seguia para sentar-se a minha frente na imensa mesa de mogno. Nem mesmo ali, nada de fotos de idosos!

Ester abriu uma gaveta ao seu lado e retirou um papel branco, levou seus olhos negros sobre o mesmo avaliando-o por um momento, em seguida me direcionou aqueles mesmos olhos que apesar de bonitos e brilhantes, tinham um ar pesado e triste.

— Júnior me disse que foi você quem cuidou da avó dele por esses três anos, é verdade?

— Sim! — afirmei somente.

— É enfermeira? — perguntou Ester.

— Não formada, mas estou perto de me formar, só tenho mais esse ano. — expliquei.

— Já é alguma coisa! Isso prova que você sabe lidar com as medicações, que as conhece e sabe para que servem cada uma, certo?

— Sim, senhora.

Ela voltou seu olhar ao papel depositado na mesa como se estivesse procurando algo a mais para perguntar. Notei então que o papel branco era a minha carta de recomendação que o Júnior avisou que enviaria.

— Bem, é o seguinte Merydiene — ela olhou-me de maneira fixa — Preciso de uma pessoa, antes de tudo paciente e depois profissional para cuidar do meu filho.

Diante ao que ela disse olhei para o porta-retratos dos dois rapazes, imaginando que desgraça teria se abatido naquela família, e qual dos dois rapazes teria passado com mais intensidade. Ester pareceu acompanhar meu olhar, pois segurou o porta-retratos na mão, depositando seu dedo, cuja unha estava bem feita pintada de vermelho na imagem do rapaz cujo sorriso era onipotente em todas as fotos que eu tinha visto, então ela prosseguiu.

— Esse é meu filho mais novo Emanuel, e o outro é o Eduardo! Emanuel sofreu um acidente há exatos quatro meses — a mulher baixou seu olhar entristecido para a foto, senti pena

dela — Esse acidente foi muito grave, o deixou paralítico.

Espantei-me a revelação, mas procurei me manter a mercê de qualquer olhar de pena do filho dela, afinal ela não precisava disso, não ajudaria em nada. Mas era mesmo de dar pena, que um rapaz com uma fisionomia tão alegre e descontraída tinha sofrido um mal tão grande. Voltei minha atenção ao relato da mulher que me estendeu a foto como se eu tivesse pedido para ver de perto. Enquanto ela relatava o que esperava de mim, eu ia admirando o rapaz e pensando que não era um idoso que teria os meus cuidados, mas sim um jovem rapaz. Bom, com um sorriso tão penetrante imaginava que ele era uma ótima pessoa.

Assim que Ester acabou de explicar que precisava de alguém para ajudar o filho nos remédios, e em algumas outras coisas além de lhe fazer companhia, pois o mesmo não podia ficar sozinho por nenhum momento, ela partiu para o lado financeiro. Eu já me imaginava tendo que trocar fraldas, tendo que limpar a "comadre", amarrando um babador para dar de comer, enfim situações que eu não passava com a Dona Esmeralda, pois ela apesar deter uma idade avançada estava lúcida e fazia tudo sozinha.

— Está de acordo com o salário? — perguntou ela, me trazendo a realidade.

— Sim, é claro.

Isso eu estava mesmo, pois ia receber três vezes mais que o Júnior pagava, o horário seria comercial, das oito as cinco. Estava perfeito!

— Está tudo bem se começar amanhã?

— Começarei hoje mesmo se a senhora quiser. — quis demonstrar a ela a minha vontade em trabalhar.

— Amanhã está bom, mesmo por que ainda tenho que falar com meu filho. É importante ressaltar Merydiene, que Emanuel não anda com o humor muito bom, é difícil lidar com ele. Ele mudou muito depois do acidente. — explicou ela retirando da minha mão de forma educada, o porta-retratos e pondo-o no mesmo lugar.

— Não se preocupe senhora, eu farei o possível para nos entendermos bem.

— Eu queria me sentir confiante, porem já tive outras enfermeiras e enfermeiros também, e depois do primeiro dia eles não voltavam mais. — ela baixou a cabeça novamente tentando esconder a tristeza dos meus olhos.

Tentei tranquilizá-la:

— Comigo será diferente, preciso do emprego senhora e seu filho de uma enfermeira, uniremos o útil ao agradável. — finalizei confiante.

— Bom, como você ainda não é formada, terá que ser admitida como cuidadora, mas ganhará como uma enfermeira, está bem?